

UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES
INSTITUTO A VEZ DO MESTRE
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO-SENSU”
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

ELIANE DO NASCIMENTO GOUVEA

POR UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Rio de Janeiro
2009

ELIANE DO NASCIMENTO GOUVEA

POR UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Pesquisa apresentada ao Instituto a Vez do Mestre, como requisito parcial para obtenção de certificado de Conclusão de Curso de

ORIENTADORA: Cheila Szuchmacher

Rio de Janeiro
2009

Aos meus dois grandes amores:
Gedalia e Henrique

AGRADECIMENTOS:

A Deus por ter me concedido a oportunidade de desenvolver esse trabalho;

Aos meus colegas e equipe do Instituto de Educação Carmela Dutra que me disponibilizaram o Projeto de Cultura de Paz;

A meus amigos que me motivaram para a realização dessa Pesquisa;

Aos Mestres do Instituto a Vez do Mestre que contribuíram para meu amadurecimento intelectual.

Há um tempo para tudo e um momento sob o céu para fazer cada coisa: há um tempo para nascer e outro para morrer; um tempo para plantar e um tempo para colher. Um tempo para matar e outro para curar, um tempo para destruir e um tempo para construir. Um tempo para chorar e outro para rir; um tempo para lamentos e um tempo para as danças (...) Tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz (ECLESIASTES 3: 1-4, 8).

SUMÁRIO:

| | |
|--|----|
| CAPITULO I - INTRODUÇÃO | 6 |
| 1.1 - Delimitação do Problema..... | 6 |
| 1.2 - Questões Norteadoras..... | 12 |
| 1.3 - Objetivos da Pesquisa..... | 13 |
| 1.3.1 - Objetivo Geral.... | 13 |
| 1.3.2 - Objetivos Específicos..... | 13 |
| 1.4 - Justificativa da Pesquisa..... | 13 |
| 1.5 – Metodologia da Pesquisa..... | 14 |
| CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 17 |
| 2.1- Projeto Educar para uma Cultura de Paz..... | 17 |
| 2.1.2–Conceitos Importantes na Educação para a Paz | 17 |
| 2.2 - Educação para a Paz (EP), e seus elementos..... | 21 |
| 2.3 – Cultura de Paz..... | 22 |
| 2.4– Tendências Educativas com elementos da EP..... | 23 |
| 2.5 – Relação professor-aluno e as emoções envolvidas | 35 |
| CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS | 39 |
| CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES | 46 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 51 |
| ANEXOS | 57 |

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 – Delimitação do Problema

Em Brasília, no dia onze de junho de 2008, aconteceu o Seminário de Educação do Trabalho Infantil, promovido pelo Ministério da Educação, que teve como um de seus objetivos a criação de um Sistema de Notificação das Violações dos Direitos das Crianças na da Rede Pública de Ensino.

De acordo com o Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, André Lázaro, na decisão tomada no Seminário, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) integrado a Rede de Ensino Público deve estabelecer:

um sistema de identificação e notificação das violências a que crianças são submetidas. O desafio, explica, é estabelecer um fluxo para que cada violência percebida no ambiente escolar seja notificada e encaminhada para solução. Segundo o secretário, essa responsabilidade não é só do professor, mas da comunidade escolar inteira e, principalmente, dos governos (MEC, 2008).

A partir da proposta apresentada acima, Lázaro acrescentou que os dados da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) sugerem que o desinteresse súbito nas aulas, a falta de atenção, as notas baixas das crianças que não realizam os deveres de casa, podem constituir indicativos de que algum tipo de violência está acontecendo. Por isso, cabe a escola estar preparada para identificar e saber como agir nesses casos.

A preocupação com a violência doméstica e social pelos órgãos competentes, reflete uma realidade que ocorre em diversas escolas, onde casos de violência têm trazido a tona sentimentos de medo e insegurança por parte dos professores e alunos.

Do ponto de vista da Senadora Marisa Serrano, PSDB-MS, Agencia Senado, Publicação: (27, 02, 2007): “a educação é solução para a violência no Brasil”, tendo em vista que episódios de violência são comuns no Rio de Janeiro e nas escolas. Serrano (2007) acrescenta que: “a população tem feito um link entre falta de educação e a violência”. Essa citação mostra que a sociedade relaciona a carência educacional à violência social.

Tanto a população quanto a escola, que reflete o que acontece na sociedade, têm enfrentado diversos tipos de violência. Portanto, é urgente repensar uma Educação para o século XXI, que nesse mundo global, exige novos olhares e novas práticas da equipe pedagógica. Segundo Bossa (2002, p.19) “a escola, que não cumpriu minimamente as demandas da educação para o século XX, encontra-se totalmente despreparada para atender aos desafios do século XXI”. Bossa (2002) ainda enfatiza que, atualmente os avanços tecnológicos e a complexidade da vida colocam para a escola e para a educação brasileira o desafio de criar novos conhecimentos que sejam úteis à realidade dos alunos.

Nesse contexto a educação do século XXI, precisa, primeiramente, conhecer a sociedade onde a escola está inserida. Para Toffler (1994), a história da sociedade humana ocorre em uma sucessão de ondas de mudanças e para cada onda há imposição de uma nova mudança, que na verdade, afeta a sociedade como um todo. Toffler (1994) esclarece, também, que nesse exato momento estamos no terceiro período histórico que ele denomina “Terceira Onda” ou “Sociedade do Conhecimento”, que começa em 1950 e segue até os dias de hoje. Esse período tem como símbolo as novas tecnologias de informação e comunicação, que impõem a sociedade um ambiente mais competitivo, onde no aspecto profissional, exige-se

dos trabalhadores, cada vez mais, qualificação profissional e um nível educacional mais elevado, entende-se que:

Para vencer as organizações precisarão (1) abandonar a Era das Máquinas e ingressar na Era das Pessoas; (2) aliar razão e emoção; (3) aceitar o erro como parte do risco de mudar; e (4) fazer alianças estratégicas com entidades ligadas ou não ao mundo dos negócios. As empresas deverão se tornar ricas de cérebro e inteligência (...) desenvolvendo o talento de seus profissionais-colaboradores, através de programas de educação continuada. (BILL GATES apud RAMOS, 2002, p.8).

Nesse contexto, Ramos (2002) destaca que o trabalhador da “Sociedade do Conhecimento” deve ser capaz de inovar, resolver problemas, tomar decisões, liderar pessoas, comunicar idéias, dominar várias línguas, usar o computador, desenvolver projetos em colaboração com outros profissionais, demonstrar auto-estima elevada, ter ética, integridade, honestidade e responsabilidade.

Para tanto, Ramos (2002) considera que essas capacidades apontadas acima devam estar relacionadas à formação de valores e a inteligência emocional dos indivíduos ou dos trabalhadores do século XXI e por causa dessas exigências há necessidade de um contexto educacional, cada vez mais qualificado, que enfoque além dos conteúdos que devem ser ministrados pelos educadores, a formação de valores éticos e morais e a valorização da emoção dos alunos.

Nessa perspectiva, Bossa (2000, p.18) acrescenta que “a escola que surge com o objetivo de promover melhoria nas condições de vida da sociedade moderna acaba por produzir na contemporaneidade a marginalização e o insucesso de milhares de jovens”. É preciso pensar a escola do futuro tendo uma perspectiva que considere, ao mesmo tempo, o contexto cultural, e a dimensão da singularidade do sujeito.

Dessa forma, a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (1998), no seu relatório para a UNESCO, presidido por Jacques Delors, acrescenta que:

A Comissão ousa afirmar que, atualmente, a pressão da competição faz com que muitos responsáveis esqueçam a missão de dar a cada ser humano os meios de poder realizar todas as suas oportunidades. Conscientes disto, e no âmbito deste relatório, fomos levados a retomar e a atualizar o conceito de educação ao longo de toda a vida, de modo a conciliar a competição que estimula, a cooperação que reforça e a solidariedade que une (1998, p.15).

Para tanto, a Comissão considera que a “educação deve, pois, adaptar-se constantemente a estas transformações da sociedade, sem deixar de transmitir as aquisições, os saberes básicos frutos da experiência humana”. (1998, p.21). E acrescenta:

Estas reflexões nada retiram às excelentes conclusões a que se chegou, quando da Conferência de Jomtien, em 1990, sobre *educação básica* e necessidades educativas fundamentais. “Estas necessidades dizem respeito, quer aos instrumentos essenciais de aprendizagem (leitura, escrita, expressão oral, cálculo matemático, resolução de problemas), quer aos conteúdos educativos fundamentais (conhecimento, aptidões, valores, atitudes), de que o ser humano precisa para sobreviver, desenvolver as suas faculdades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a sua qualidade de vida, tomar decisões esclarecidas e continuar a aprender. (1998, p.21-22)

Por isso a escola deve voltar seu olhar não só para os conteúdos formais e curriculares, mas também voltar o seu olhar para a criança integralmente, observando-se os aspectos biológicos, psicológicos, espiritual e social. Para tanto a Comissão Internacional (1998) reconhece que :

Os sistemas educativos formais são, muitas vezes, acusados e com razão, de limitar a realização pessoal, impondo a todas as crianças o mesmo modelo cultural e intelectual, sem ter em conta a diversidade dos talentos individuais. Tendem cada vez mais, por exemplo, a privilegiar o desenvolvimento do conhecimento abstrato em detrimento de outras qualidades humanas como a imaginação, a aptidão para comunicar, o gosto pela animação do trabalho em equipe, o sentido do belo, a dimensão espiritual ou a

habilidade manual. De acordo com as suas aptidões e os seus gostos pessoais, que são diversos desde o nascimento, nem todas as crianças retiram as mesmas vantagens dos recursos educativos comuns. Podem, até, cair em situação de insucesso, por falta de adaptação da escola aos seus talentos e às suas aspirações. (1998, p.55)

De acordo com a Educação para o século XXI, a Comissão Internacional, acredita que a educação deve se organizar em torno de quatro pilares de aprendizagem, que são fundamentais para o desenvolvimento do aluno: 1º) aprender a conhecer; 2º) aprender a fazer; 3º) aprender a viver juntos e 4º) aprender a ser.

De forma geral o ensino formal consegue dar conta do aprender a conhecer e em menos escala consegue resolver as questões do aprender a fazer. Como citado anteriormente por BOSSA (2000), a escola não tem conseguido dar conta dos outros pilares, aprender a viver juntos e aprender a ser, e essa questão precisa ser considerada para um desenvolvimento harmonioso dos alunos.

Nessa perspectiva, a Educação para a Paz traz o resgate desse enfoque que falta nas escolas, o olhar para o ser e para o espaço de diálogo e convívio social. A necessidade de trabalhar questões relacionadas aos conflitos e a violência também foram avaliadas pela Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI:

A opinião dos meios de comunicação social, torna-se observadora impotente e até refém dos que criam ou mantêm os conflitos. Até agora, a educação não pôde fazer grande coisa para modificar esta situação real. Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de os resolver de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade? (...) É de louvar a idéia de ensinar a não-violência na escola, mesmo que apenas constitua um instrumento, entre outros, para lutar contra os preconceitos geradores de conflitos. A tarefa é árdua porque, muito naturalmente, os seres humanos têm tendência a supervalorizar as suas qualidades e as do grupo a que pertencem, e a alimentar preconceitos desfavoráveis em relação aos outros (1998, pp.96-97).

Com base no exposto acima, o Instituto de Educação Carmela Dutra (Escola de Formação de Professores) que se preocupa em oferecer oportunidades para

formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos no cenário educacional do século XXI, lança o Projeto Político Pedagógico “Educar para uma Cultura de Paz” numa visão transversal e interdisciplinar, reconhecendo e acreditando que a paz se aprende e que a violência é uma construção cultural e não um atributo natural do ser humano. Portanto, a escola pode contribuir para essa mudança:

A escola não muda a sociedade, mas pode, partilhando esse projeto com segmentos sociais que assumem os princípios democráticos, articulando-se a eles, constituir-se não apenas como espaço de reprodução, mas também como espaço de transformação (PCN, 1998, p.23).

O Projeto Educar para uma Cultura de Paz (2008) do Instituto de Educação Carmela Dutra tem como objetivos gerais: 1º) Promover a educação para a uma cultura de paz orientando o futuro profissional a pautar-se por princípios de ética, dignidade humana, justiça, respeito mútuo, incentivando a responsabilidade, o diálogo e solidariedade não só no nível profissional, mas também, na formação do cidadão; 2º) Reconhecer a importância e os princípios que fundamentam as leis e normas no contexto social para o exercício de uma cultura de paz; 3º) Considerar condutas responsáveis, reconhecendo-se protagonista de ações para a preservação do meio ambiente; 4º) Compreender a saúde como fator importante e essencial para o desenvolvimento do ser humano; e finalmente, 5º) Promover a formação de professores aptos a garantir as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e preparados para o mundo do trabalho.

O Projeto Educar para uma Cultura de Paz (2008) tem como objetivos específicos: 1º) Pesquisar as causas da violência nas escolas; 2º) Promover ações para o desenvolvimento de uma cultura de paz; 3º) Exercitar práticas metodológicas voltadas para a educação para a paz; 4º) Exercitar o diálogo como resolução de conflitos; e 5º) Posicionar-se e buscar soluções para os problemas ambientais,

através de quatro Temas Geradores (divididos por bimestres). O Projeto Educação para a Paz sugere, também, a transdisciplinaridade, que preconiza a organização das disciplinas por áreas de conhecimentos, coordenando e liderando a culminância dos Temas propostos, sendo eles:

1. Primeiro Bimestre: - “Desvendando essa tal Cultura de Paz”, onde são sugeridas abordagens que promovem aos alunos a reflexão sobre: a escola e suas relações, o multiculturalismo, a formação de professores, as mulheres na luta pela paz, a criação de alternativas para a violência em sala de aula e capacitação para a gestão de conflitos.
2. Segundo Bimestre: - “Saúde e Paz”, onde as abordagens a seguir são pontos de debates: meio ambiente saudável, alternativas para a preservação do meio ambiente, promoção de uma vida saudável tanto individualmente quanto no enfoque social, como, por exemplo: o combate a Dengue e outras doenças que podem ser prevenidas pela população.
3. Terceiro Bimestre: - “Exercer a Cidadania, garantindo a Paz”, onde as abordagens sugeridas estarão ligadas às questões da justiça, dos direitos humanos e da própria cidadania.
4. Quarto Bimestre: - “Prioridades para uma Cultura de Paz”, onde as abordagens sugeridas promovem a construção democrática da comunidade para estratégias que permitam a atuação dos educando na escola, na comunidade, na cidade, no país e no mundo.

1.2 – Questões Norteadoras:

Diante do suposto acima chega-se as seguintes questões norteadoras da Pesquisa:

De que forma o modelo do Projeto Educar para uma Cultura de Paz pode contribuir na formação dos professores do Instituto de Educação Carmela Dutra?

Até que ponto a valorização das emoções e dos valores éticos e morais, desenvolvidos no Projeto Educação para a Paz, podem contribuir para otimizar as relações interpessoais na escola?

1.3 – Objetivos da Pesquisa

1.3.1 – Objetivo Geral

Compreender e analisar a importância e as contribuições do Projeto Educar para uma Cultura de Paz do Instituto de Educação Carmela Dutra para a Educação do Futuro.

1.3.2 – Objetivos Específicos

Definir e conceituar o Projeto Educar para uma Cultura de Paz do Instituto de Educação Carmela Dutra;

Identificar os elementos da Educação para a Paz que são visíveis ao Projeto aplicado;

Apontar os elementos do Projeto Educar para uma Cultura de Paz na história da Educação;

Descrever a importância da valorização das emoções e do afeto para a aprendizagem significativa dos alunos, na construção de uma Cultura de Paz.

1.4 – Justificativa da Pesquisa

Espera-se que a presente Pesquisa contribua para oferecer sugestões para aprimorar a prática docente no que tange as relações em sala de aula e, principalmente, nos Cursos de Formação de Professores. E que as informações apresentadas sirvam de motivação para que docentes e discentes busquem novos estudos sobre o tema.

1.5 – Metodologia da Pesquisa

Uma pesquisa científica é um processo de construção e busca de conhecimentos sistematizados. É também um processo de aprendizagem para o próprio pesquisador. De acordo com Larosa (2005, p.26) “a palavra pesquisa significa procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar e aprofundar-se na busca de conhecimento”.

A pesquisa, de forma geral, faz parte do cotidiano de cada pessoa porque o ser humano é um ser curioso. Pesquisar é tentar responder aos questionamentos humanos. Mediante o exposto, Larosa (2005) afirma que os resultados de uma pesquisa científica devem ser relevantes para o campo social, ao aprofundar questões pertinentes ao cenário da sociedade.

Nessa perspectiva, Cervo (2002, p.24) esclarece que: “o método científico é um conjunto ordenado de procedimentos que se mostra eficiente, ao longo da história, na busca do saber”. E, para Larosa (2005, p.33):

A pesquisa científica (...) utiliza métodos e técnicas para a correta identificação do problema, a observação da realidade, a verificação e a mensuração dos resultados, de forma sistemática e racional. As conclusões obtidas em pesquisas feitas desta forma metodológica permitem que o conhecimento científico adquirido tenha precisão e objetividade.

De acordo com Silva (2001) a forma de abordar o problema numa pesquisa científica poder ser classificada em dois tipos: pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa caracteriza-se pela a observação direta do ambiente, na qual os pesquisadores analisam seus dados indutivamente e onde há um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos e que não pode ser quantificado, não sendo traduzido por números, podendo ser descritiva, buscando foco no processo do fato pesquisado e no seu significado dentro do contexto sócio-histórico.

Contrariamente, a pesquisa quantitativa caracteriza-se pela coleta de dados com recursos estatísticos, numéricos, apreensão do observável, através do concreto e estabelecendo relações de causa e efeito.

Considera-se também, como outra classificação de pesquisa, a pesquisa de campo, que procede à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorre no real, à coleta de dados referentes aos mesmos e, finalmente, à análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado. As áreas humanas utilizam a pesquisa de campo com o objetivo de compreender os mais diferentes aspectos de uma determinada realidade.

Como qualquer outro tipo de pesquisa, a de campo parte do levantamento bibliográfico. Exige também a determinação das técnicas de coleta de dados mais apropriadas à natureza do tema e, ainda, a definição das técnicas que serão empregadas para o registro e análise. Dependendo das técnicas de coleta, análise e interpretação dos dados, a pesquisa de campo poderá ser classificada como de abordagem predominantemente quantitativa ou qualitativa.

Numa pesquisa em que a abordagem é basicamente quantitativa, o pesquisador se limita à descrição factual deste ou daquele evento, ignorando a complexidade da realidade social, porém segundo Neves (1996) as ciências, como, por exemplo: a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia Social e a Pedagogia utilizam-se da pesquisa qualitativa para estudar os indivíduos, os grupos, as comunidades, as instituições, objetivando compreender múltiplos aspectos de uma determinada realidade e suas representações.

Assim, a presente pesquisa é de cunho qualitativo e de campo, tendo em vista que se trata de um estudo que leva em conta a subjetividade dos indivíduos e o contexto sócio-histórico pesquisado no Projeto Educar para uma Cultura de Paz, que acontece no Instituto de Educação Carmela Dutra.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 – Projeto Educar para uma Cultura de Paz

A busca pela paz tem sido uma constante durante a história, tanto no contexto social quanto educacional. Atualmente, percebe-se através da mídia como a sociedade tem clamado por uma cultura e educação que evidenciem maior união entre as pessoas e a construção da paz. De acordo com Martin Luther King apud Weschenfelder (2005, p.49), “nós aprendemos a voar como pássaros, a nadar como peixes, mas não aprendemos a conviver como irmãos”.

A Educação não tem conseguido dar conta da demanda imposta pelo social e, por isso, o Projeto Educar para uma Cultura de Paz vem contribuir para que a escola possa aprender a conviver ou melhorar suas relações interpessoais, contribuindo para a construção da paz. Porém, para se pensar sobre a paz é conveniente pensar, sobre os conceitos pertinentes a Educação para a Paz.

2.1.2- Conceitos importantes na Educação para a Paz

Para se pensar sobre a Paz, primeiramente, é preciso distinguir a diferença entre os conceitos de Paz Negativa e de Paz Positiva. O conceito de paz utilizado pela cultura ocidental vem dos conceitos de paz grega (eirene) e de paz romana (pax).

O conceito grego, “eirene” refere-se à busca da perfeição no equilíbrio entre o aspecto mental e a tranquilidade interior, sendo essa tranquilidade entendida como um estado caracterizado pela ausência de hostilidades e de conflitos violentos. Já o conceito de “pax” está ligado à idéia da manutenção e respeito às leis e a ordem estabelecida pela sociedade em vigor.

As duas concepções citadas acima indicam que para construir um conceito de paz é necessário prevalecer a ausência de violência, guerras e conflitos. É freqüente o uso de expressões em, nossa cultura, que demonstram essa vontade interior de se viver em paz num estado de tranqüilidade. Conforme diz Callado (2008, p.20), “Haja Paz”, “Deixe-me em paz!”.

A Educação tem contribuído para potencializar o conceito de paz negativa. Segundo Jares (2002), o conceito de Paz Negativa destaca o papel dinâmico das guerras e está relegado àqueles momentos estáticos dos períodos entre as guerras, e também, pela concepção intimista da paz, que na tradição popular desenvolve a idéia de paz como passividade, e que se concebe como um ideal utópico e inatingível. Por isso alguns pesquisadores repensam o conceito de paz, a partir do conceito de violência.

Michaud (1989) indica que o significado da palavra violência, deriva do latim – violentia e que traduzindo é: força ou violência, porque é extraído do verbo violare, transgredir, profanar ou tratar com violência.

Acrescenta-se a essa definição o que se encontra no dicionário Aurélio sob o aspecto jurídico, a violência é considerada um constrangimento físico ou mortal; uso da força, coação e que é uma ação contrária ao direito e à justiça.

A violência pode ser praticada pelo Estado, grupos sociais e religiosos, instituições, organizações públicas e particulares e sistemas de comunicação e econômico, isto é, por pessoas. Por isso, o conceito de violência ganha dimensão múltipla, onde valores universais, direitos fundamentais, liberdades individuais e coletivas são questionados e colocados em cheque diariamente.

Exemplo disso, Bourdieu apud Nacasato (2007), cria o conceito de violência simbólica, que é uma forma invisível de coação através de crenças e preconceitos

coletivos, que perpassa pela imposição de valores, hábitos e comportamentos, que, necessariamente, não utilizam à violência física. De acordo com Bourdieu (2001) citado por Nacasato (2007), “a violência simbólica se tece através de um poder que não se nomeia, que dissimula as relações de força e se assume como conivente e autoritário”. E, como exemplo, Nacasato (2007), apresenta o bullying (humilhação constante), onde o indivíduo sofre violência simbólica sentindo-se inferiorizado.

Acrescentado a isso, Galtung (1985) apud Jares (2002) esclarece que somente a partir de 1969 é que se começa a pensar no conceito de violência pessoal ou direta e no conceito de violência estrutural. Onde violência pessoal ou direta é aquela produzida por pessoas que cometem atos de destruição contra a outra; e a violência estrutural ou indireta, é àquela que não pode identificar o sujeito que a comete, porque faz parte do social, podendo ser considerada como injustiça social.

Nesse sentido, Galtung (1985), apud Callado (2002) define a violência como fato evitável que obstrui a satisfação das necessidades básicas do ser humano, tanto materiais quanto não-materiais. Portanto, a violência é a causa da diferença entre o que uma pessoa poderia ser, mas não é devido a fatores que impedem a sua auto-realização e ao desenvolvimento das suas potencialidades.

Com esse conceito de violência, Galtung (1985) apud Callado (2002) constrói outro conceito de Paz, denominado Paz Positiva. No qual, não basta apenas que haja ausência de violência, mas é necessária uma interação e inter-relação positiva e dinâmica entre as pessoas, apoio mútuo, confiança, reciprocidade e cooperação.

A Paz Positiva afeta todas as dimensões da vida, deixando de ser uma utopia para converter-se num processo contínuo baseado na justiça. Em que a cooperação, o entendimento e a confiança assentem as bases das relações humanas. Deixa de

ser uma questão do Estado, passando a ser um fato social do qual todos podem e devem participar e contribuir. A partir da mudança da definição de violência, que gerou o conceito de Paz Positiva, fica claro a necessidade de se avaliar o conceito de conflito.

Segundo Galtung (1985) apud Callado (2002), há dois tipos de conflitos, os conflitos manifestos e os conflitos latentes. O primeiro, o conflito manifesto, as partes implicadas estão conscientes da situação e conseguem, a partir dessa consciência, gerar resoluções. No entanto, o conflito latente é aquele que as partes não percebem a situação, pois são ocultas, difíceis de serem identificadas, por estarem imersas nos costumes, na cultura e na vida cotidiana. Muitas vezes, os conflitos latentes são conseqüências da não resolução de outros conflitos anteriores.

Considera-se assim Callado (2002), que o conflito é um processo natural e um fenômeno necessário para a mudança nas relações e nas transformações sociais, podendo ser destrutivo ou positivo, segundo a maneira de regulá-lo. O conflito é um fator motivador e elemento criativo essencial nas relações humanas, um desafio e um processo de busca de uma meta comum, sendo focado não como um processo de oposição onde uma das partes ganha e a outra perde, passando a se tornar um processo de cooperação, no qual onde todas as partes envolvidas tentam encontrar soluções comuns que sejam aceitáveis para todos.

Para tanto, Lederach (1984) apud Callado (2002), propõe a mudança do termo “resolver” um conflito, por “regular”, isto é: os conflitos não começam e terminam, mas emergem e diminuem. O objetivo é ajustar, regular o processo para que se caminhe na direção de fins produtivos. Lederach (1984) apud Callado (2002) considera que, a partir da visão de uma paz positiva, os conflitos se apresentam como um processo necessário à humanidade.

De acordo com Amani (1984, p.216) apud Callado (2002, p.23) o conflito é “uma situação de incompatibilidade de metas, ou a percepção de que estas são incompatíveis, ocorrendo em nível intrapessoal, interpessoal ou intergruparal”. E que segundo Lederach (1984) apud Callado (2002), nesses níveis de relacionamentos pode-se perceber cinco estilos para se enfrentar uma situação de conflito: a competição, a colaboração, o compromisso, evitar e a acomodação. Porém, na perspectiva do conceito de paz positiva, fugir-se-á da acomodação ou a competição, e não se evitará o conflito, porque há a necessidade do crescimento pessoal.

2.2 - Educação para a Paz e seus elementos

A Educação para a Paz (EP) inclui o conhecimento dos direitos humanos dentro de todo o processo educacional, tanto no trato com cada um no ambiente escolar quanto em relação ao currículo. Questões sobre o desarmamento, reconciliação, prevenção de conflitos, segurança humana, exercícios para as resoluções de conflitos, posição crítica aos meios de comunicação, estudos de valores positivos, relações de não-violência no cotidiano e entre as relações internacionais e respeito a outras culturas. A metodologia utilizada no Projeto Educar para uma Cultura de Paz encoraja pensamentos críticos e prepara os estudantes para agirem de acordo com suas convicções.

Segundo Tyler (200?, p.11), uma forma de definir a Educação para a Paz é saber que é um processo de aprendizagem onde são ensinados e aprendidos valores, atitudes e modos de comportamento que refletirão respeito à vida, a dignidade dos seres humanos e seus direitos, rejeitando qualquer tipo de violência, trabalhando conceitos em relação à liberdade, justiça, solidariedade, tolerância entre pessoas e/ou grupos.

Alguns valores e atitudes que são trabalhados na Educação para a Paz, segundo Tyler (200?): respeitar o outro diferente a mim, em quaisquer aspectos, como etnia, idade, nacionalidade, classe social, sexualidade, aparência, escolha política ou religiosa, física ou mental habilidade; desenvolver a empatia – a capacidade de entender o ponto de vista do outro; acreditar que indivíduos ou grupos podem criar positivas mudanças; apreciar e respeitar a diversidade; ter auto-estima positiva; compromisso social de justiça, equidade e não-violência; ter preocupação com o meio-ambiente e entender que o nosso lugar é um ecossistema; e se comprometer com a igualdade.

Segundo Tyler (200?) os objetivos específicos de uma Educação para a Paz, é que o aluno seja capaz de: compreender a natureza e a origem da violência e seus efeitos tanto na vítima quanto no autor, criar estratégias para produzir ações criativas e pacíficas na sociedade, discutir sobre a existência de relacionamentos sem paz entre pessoas e nações, poder investigar as causas dos conflitos e violência dentro da perspectiva dos valores e atitudes individuais, sociais e na estrutura política da sociedade e pesquisar e criar alternativas não-violentas. Para tanto a Educação para a paz precisa também, equipar crianças e adultos com habilidades para resolução de conflitos.

2.3 - Cultura de Paz

Através de uma Educação para a Paz pretende-se chegar a Cultura de Paz, para tanto o Ano de 2000 foi declarado o Ano Internacional da Paz pelas Nações Unidas, porém a Assembléia Geral adotou a resolução proclamando 2001 – 2010 a Década Internacional para a Cultura de Paz e Não-violência para as crianças de todo o mundo. Criou-se então através da UNESCO (2000), o Manifesto 2000, para que todos os jovens pudessem ter uma base para participarem mais efetivamente

desse Projeto. É conhecido como os Seis Pilares para a construção de uma Cultura de Paz, são eles:

1. **Respeitar todas as vidas.** Respeitar a vida e a dignidade do ser humano sem discriminação ou preconceito; 2. **Rejeitar a violência.** Praticar ações não-violentas, rejeitar qualquer tipo de violência, de todas as formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, especialmente àqueles mais desprovidos e vulneráveis; 3. **Compartilhar.** Compartilhar o meu tempo e recursos materiais com espírito de generosidade colocando um fim na exclusão, injustiça política e econômica opressão; 4. **Ouvir para entender.** Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, dando preferência ao diálogo e a escuta sem fanatismo, difamação ou rejeição a outros; 5. **Preservar o Planeta.** Promover comportamento de consumo responsável e respeito a todas as formas de vida, preservando o equilíbrio da natureza e do planeta; 6. **Redescobrir a solidariedade.** Contribuir para o desenvolvimento da minha comunidade, com total participação das mulheres, respeitando os princípios democráticos a fim de que juntos possamos criar novas formas de solidariedade.

2.4 – Tendências Educativas com Elementos da Educação para a Paz

Historicamente tendo como pressupostos os estudos de Jares (2002), o início da Educação para a Paz e o seu desenvolvimento ocorre de forma paralela através de duas correntes principais. O caminho da “não-violência”, num aspecto mais religioso e social; isto é, através de uma educação informal, e num outro caminho que foi a renovação educativa formal de ensino.

Jares (2002) destaca alguns movimentos sociais responsáveis pelo surgimento da EP como a conhecemos agora, foram:

- Movimentos Religiosos que tiveram como caráter a pregação da não-violência como valores educativos, Jares (2002) destaca como um exemplo do séc. VI a.C. Maavira, fundador do Jainismo, que ressalta o princípio didático da ainsa (não-violência) como o primeiro dever e máximo valor educativo do ser humano. A partir dele surgem Buda, Cristo e os

neocristãos. Cita Erasmo de Roterdã e Juan Vives, estabelecendo entre as comunidades cristãs um pacto de não-violência.

- Movimento Filosófico, com acentuado caráter religioso, mas também educacional, Jares (2002) destaca Tolstói, que sofreu influência dos predecessores da Escola Nova, mais particularmente de J.J. Rousseau. Defendia que a educação devia se enquadrar nos princípios cristãos, ensinando a crença num Deus interior que se manifesta com um espírito de amor, guiando a criança no caminho de não-violência, liberdade e respeito ao desenvolvimento espontâneo da vida.

- Movimentos Políticos como a criação da Sociedade das Nações, atual ONU e UNESCO. Como também a postura política de não-violência de Gandhi.

- Movimentos Educacionais através da Liga Internacional de Educação Nova, por iniciativa de Adolfo Ferrière, preocupado com a organização da “Escola Nova Internacional”, que já no I Congresso Internacional de Educação, realizado em 1921 na França, consegue implantar em mais de 20 países a constituição desta organização e reunir pedagogos de prestígio internacionais. Wallon apud Jares (2002, p.33) escreverá anos mais tarde:

Parecia então que, para assegurar ao mundo um futuro de paz, nada podia ser mais eficaz que desenvolver nas jovens gerações, por meio de uma educação apropriada, o respeito à pessoa humana. Assim, poderiam florescer os sentimentos de solidariedade e fraternidade humanas, os quais são o oposto da guerra e das violências.

- Como também, estudos e pesquisas realizadas nas Universidades sobre a EP.

Jares (2002) acrescenta que, paralelo ao movimento social, a escola tenta acompanhá-lo; contudo, antes mesmo do aparecimento da Educação para a Paz por volta do século XX, já na história da Educação encontram-se alguns pensadores e educadores que em suas metodologias ou visão em relação à Educação, apresentam alguns elementos de um ensino característico de uma educação para a Paz.

Gadotti (2005) destaca Sócrates por despertar e estimular a busca pessoal e a verdade através do autoconhecimento e do diálogo, e por valorizar a sabedoria e a prática do bem. Para Sócrates uma pessoa só teria condições de conduzir outra, e outros, somente quando possuísse a capacidade de autodomínio.

Boto (2008) considera Aristóteles importante por suas reflexões sobre a ética, e por responsabilizar a organização social e política e a educação, como aquelas que deveriam ter a responsabilidade de prover ao ser humano todas as condições necessárias para o desenvolvimento de seu talento, porque considerava o ser humano portador de potencialidades múltiplas. E continua Boto (2008, p.14), “Aristóteles afirmava que o objetivo da vida humana era a busca do “bem”, da “harmonia”, e por isso ser feliz e ser útil à comunidade eram dois pontos sobrepostos que estavam presentes na atividade política”.

Theoblado (2008, p.30) cita Michel Montaigne, porque para ele a educação deveria formar cidadãos pensantes, isto é:

deveriam saber procurar, duvidar, investigar e exercitar o que seria próprio de cada pessoa. “Que sei eu?” Era um projeto intelectual que tinha como objetivo testar maneiras de pensar que escapassem de influências alheias. Interiorização, dúvidas e contato com outros pontos de vista.

Jares (2002) destaca algumas contribuições de Comenius (séc.XVII) em relação à paz: confiança na natureza humana e em sua harmonia, acreditar num

projeto de educação universal para todos os seres humanos, ter a concepção de mundialismo ou universalismo, onde declarava que todos os seres humanos pertenciam à mesma família, e que por isso podiam ser regidos pelas mesmas leis e unidos pelos laços de uma ciência comum, e por defender a criação de um Tribunal da Paz, que servisse para resolver conflitos internacionais, baseados no pensamento anterior.

Jares (2002) também destaca o filósofo suíço Rousseau (séc.XVIII) por escrever sobre a guerra e a paz. Jares (2002) destaca Rousseau (séc.XVIII), por defender a idéia de que o homem é por natureza um ser pacífico e tímido e que diante de um perigo, sua reação seria a fuga; e a honra, o interesse, os preconceitos, e a vingança não lhe são naturais. Por isso defende que não há guerra entre as pessoas e sim entre os estados. Seu principal princípio educativo é a liberdade.

A partir da concepção de que a criança é boa por natureza, Rousseau (séc.XVIII) apud Jares (2002) afirma então que a guerra é uma invenção do adulto, por isso precisamos dar uma educação baseada na autonomia e na liberdade das crianças, idéia básica para a criação da Escola Nova.

Incontri (2008) destaca Pestalozzi (séc. XIX) porque defendia o afeto como importante fator para a aprendizagem, para ele os sentimentos tinham o poder de despertar o processo de aprendizagem da criança. Pensava que o amor podia deflagrar o processo de auto-educação.

Segundo Jares (2002) após a Primeira Guerra Mundial, educadores, historiadores e pensadores em geral, voltam seus olhares para os fatores geradores da guerra e como poderiam reverter esse quadro. Por isso, repensam a Educação no sentido de formar mentes conscientes para uma convivência mais harmoniosa, e

que pudessem difundir essa educação a outros povos e nações. Para Jares(2002) é grande a contribuição de Dewey nesse cenário, por ser o criador da Escola Nova. Dewey (1930b) apud Jares (2002, p.45), cita que:

o papel da escola não deveria se restringir a “ensinar os horrores da guerra e evitar tudo o que estimula a desconfiança e a inimizade internacional. A ênfase deve ser colocada em tudo que une as pessoas, em empreendimentos e resultados cooperativos.

Jares (2002) destaca a contribuição de Maria Montessori na Educação para a Paz por ser durante a sua vida profissional uma defensora do potencial da criança e por acreditar que através da Paz Positiva, pode-se promover uma reforma social construtiva. Continua Jares (2002), Montessori com seu ativismo, leva-a a participar de congressos e a escrever sobre esse assunto. Todas as suas palestras e escritos foram reunidos em um livro intitulado *Educazione e pace*, publicado na Itália em 1949. Jares (2002) destaca uma de suas participações, o Congresso Educar para a Paz, em Copenhague em 1937, no qual ela insiste no utopismo pedagógico, onde afirma que a infância é que trará a paz para a humanidade.

Segundo Jares (2002) Montessori, critica também a escola tradicional por uma formação voltada para a competitividade e o individualismo. Defende a união do “espiritual” com o material, já que considera que há mais do que o mundo material para ser ensinado aos alunos. Por isso investe numa educação crítica também as propagandas que não focalizam o aspecto afetivo, e valoriza a educação como sendo um fruto do amor pelo outro.

Continua Jares (2002), Montessori valoriza a importância do trabalho, assinalando que a partir dos 12 anos de idade a criança deveria participar de forma consciente na produção, porém não visando o aspecto da aprendizagem de uma profissão, mas sim para ter contato com a vida. E, finalmente, defende a chamada

“ciência da paz”, onde devem ser aprofundadas duas realidades, uma é que há uma infância nova, e a outra, que a humanidade é uma única nação.

Dantas (2008) destaca a contribuição de Wallon à Educação porque ele valorizou não só o corpo da criança, mas as suas emoções. Fundamentou suas idéias em quatro elementos que se comunicavam: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa. Dizia que reprovar seria sinônimo de expulsar, negar, excluir, o que seria a própria negação do ensino. Segundo Dantas (2008, p.74) para Wallon, “a raiva, a alegria, o medo, a tristeza e os sentimentos mais profundos ganham função relevante na relação da criança com o meio”.

Outro educador conhecido por valorizar o afeto na aprendizagem e a liberdade de escolha de seus alunos é Neill (1968), para ele a Educação deveria se voltar para a dimensão emocional do aluno, para que sua sensibilidade ultrapassasse a racionalidade. Segundo Neill (1968) ter sucesso seria trabalhar com alegria e viver positivamente, e que preferia que a escola pudesse produzir varredores de ruas felizes do que eruditos neuróticos.

Segundo Sampaio (2008) outro promotor da reforma escolar foi Freinet por defender a mudança interna na escola, por acreditar que ali é que se manifestam as contradições sociais, e outra de suas contribuições é a relação professor e aluno, colocando-os no mesmo nível de igualdade. Sampaio (2008) acrescenta que sua pedagogia se fundamenta em quatro eixos: cooperação, comunicação, documentação e a afetividade.

Jares (2002) também destaca Freinet pela sua importância no Movimento da Escola Nova, pelo seu empenho contra a escola tradicional tanto por suas propostas didáticas quanto por sua contribuição contrária a militarização da infância e da

juventude. Segunda Jares(2002) Freinet crítica à escola tradicional porque forma crianças para a obediência e passividade não favorecendo o pensamento crítico.

Jares (2002) considera que houve nessa época uma preocupação crescente de divulgar e difundir essa educação a outros povos e nações, e que essa renovação pedagógica iniciasse pela criação do Bureau Internacional dês Ecoles Nouvelles, por iniciativa de Adolfo Ferrière, o teórico mais preocupado com a internacionalização do movimento da Nova Escola. Esse movimento consolida-se com o I Congresso Internacional de Educação, 1921, na França, onde constituem a Liga Internacional de Educação Nova, com a participação de mais de 20 países. Entre os dez princípios, há dois que se destacam por estarem relacionados diretamente à Educação para a Paz citados por Jares (2002, p.33):

2. O quinto: toda concorrência egoísta deve ser desterrada da escola e substituída por um espírito de cooperação que oriente a criança a se colocar a serviço da comunidade. 3. O sétimo: a nova educação desenvolverá na criança não apenas o futuro cidadão, capaz de cumprir seus deveres com seu próximo, com sua nação e com a humanidade, mas também o homem consciente de sua dignidade como ser humano.

Continua Jares (2002), no Brasil, as idéias da Escola Nova foram inseridas por Rui Barbosa (1849-1952) em 1882. Porém, no século XX com a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932 é que ganha mais força, destacando-se alguns como Lourenço Filho (1897-1970) e Anísio Teixeira (1900-1971). Esse Movimento acreditava que a educação era o único elemento eficaz para a construção de uma sociedade democrática, que levava em consideração a diversidade, respeitando o indivíduo como ser único e apto o suficiente para refletir sobre a sociedade, atuando e influenciando-a. Deveria formar cidadãos atuantes e democráticos.

Segundo Jares (2002) os seguidores de Freinet, fundam a Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna (FIMEM-1957), que embora nos

primeiros encontros não se preocupassem com convocatórias específicas sobre a Educação para a Paz, em alguns encontros ela é objeto de análise. Jares (2002) destaca que só a partir da década de 80 é que a Educação para a Paz se tornará mais presente nos encontros dos educadores, principalmente pela ascensão social do pacifismo.

De acordo com Jares (2002), os princípios da pedagogia de Freinet encerram em si mesmo uma escola de paz, entre eles destacam-se: a cooperação, a integração, a aceitação da diversidade e o internacionalismo. O caráter internacionalista dedicado entusiasticamente por Freinet, desde o início do Movimento da Escola Moderna prestou apoio a professores de outros países, visando construir uma verdadeira pedagogia popular. E que finalmente em 1986, a FIMEM junto com o Movimento de Cooperação Educativa italiano, em colaboração com a Unesco, organizou uma convenção internacional intitulada “Educação, Paz e Mudança”, e por ter como base o Ano Internacional de Paz (1986), essa reunião cria uma Comissão Internacional de Educação para a Paz, na Espanha.

Nessa perspectiva, observa-se na história da Educação a contribuição de Piaget, que segundo Macedo (2008), é considerar que as crianças pensam diferente dos adultos e que por isso precisam de uma educação diferenciada. E continua Macedo (2008), que educar para Piaget significa estimular a procura do conhecimento, e evitar trazer o conhecimento pronto, porque para Piaget “se o indivíduo for passivo intelectualmente, não conseguirá ser livre moralmente” (MACEDO, 2008, p.91).

Lucci (2006) considera a contribuição de Vygotsky na Educação importante porque trouxe o postulado de que o ser humano só se constrói na relação com o outro, e que por isso ele é determinado pelas suas interações sociais, constituindo-

se um ser histórico-social e cultural. Continua Lucci (2006), Vygotsky valoriza o meio onde a criança está inserida e acrescenta que todo o aprendizado é mediado, portanto o papel do professor é mais ativo, mas cabe ao aluno conduzir o seu próprio processo de aprendizagem.

Para Rogers (1978), o professor deve facilitar o aprendizado, aonde o aluno conduz a seu modo. A relação entre ambos deve ser impregnada de confiança e destituída de noções de hierarquias. Avaliação, recompensa e punição estão excluídas, exceto na forma de auto-avaliação. Ressaltava a importância de se viver em busca de uma harmonia consigo mesmo e com os outros, através da abertura de novas experiências, capacidade de viver o aqui e o agora, confiança nos próprios desejos e intuições, liberdade e responsabilidade de agir e disponibilidade para a criação. Continua Rogers (2008), para o professor ser capaz de exercer o seu papel como educador, ele deve ter três qualidades: congruência – ser autêntico com o aluno; empatia – compreender seus sentimentos e respeito.

Outro destaque na história da Educação é Morin, que segundo Petraglia (2008) propõe o conceito de complexidade, oposto a fragmentação dos saberes. Publica seis volumes, a partir de 1977, intitulado, O Método, onde considera que a incerteza e as contradições fazem parte da vida e condição humanas, e por isso sugere a solidariedade e a ética como caminho para a religação dos saberes e como peça fundamental para superar a crise planetária.

Morin (2007) recomenda um pensamento crítico sobre o próprio pensar e seus métodos, o que significa voltar sempre ao início. Mas não se trata em pensar na idéia de um círculo vicioso, mas sim numa espiral, onde é necessário conhecer os conceitos de ordem, desordem e organização, por isso considera que o aprendizado é para toda vida. Defende a transdisciplinaridade para a urgência da

ligação de tudo, e de que o professor precisará adquirir uma nova postura diante da realidade, aprender a aprender, principalmente com seus alunos por que são agentes sintonizados com o presente.

No Brasil, há de se destacar a partir do século XX, as contribuições de Anísio Teixeira, que segundo Gadotti (2005) valoriza a experiência do aluno e a escola como sendo um local não apenas para a aprendizagem de novas idéias ou fatos, mas também atitudes e senso crítico, e salienta que a escola para ser considerada democrática, professores e alunos devem trabalhar em liberdade, desenvolvendo confiança entre si. Gadotti (2005), também destaca Fernando Azevedo, por ser um educador que atuou junto a UNESCO e que fez parte do Movimento da Escola Nova, onde um dos itens do Manifesto dos pioneiros da Educação Nova era o incentivo a criação de um meio escolar natural e social onde valorizasse o desenvolvimento da solidariedade.

Gadotti (2005), também destaca Lourenço Filho, pela sua visão de que a escola deve pretender procurar a paz, por isso ao invés do trabalho individual, deve-se valorizar o trabalho em comunidade propiciando a cooperação.

Outro destaque importante, segundo Gadotti (2005) é Paulo Freire porque para ele o objetivo maior da educação é a conscientização do aluno, e a sua libertação através da sua ação contestadora. Recebeu o Prêmio Educação para a Paz da UNESCO em 1986. Continua Gadotti (2005), para Freire o aluno já chega à escola levando a sua cultura e que em sala de aula, professor e alunos devem aprender juntos numa relação democrática e afetiva. Segundo Jares (2002), Paulo Freire também se destaca pela fundação da Pesquisa para a Paz, e por sua organização e estrutura. Continua Jares (2002), Freire exerce grande influência pelo seu conceito de conscientização e por sua obra Pedagogia do Oprimido, por

aparecerem em numerosos escritos ligados à importância do caminho que pode superar as causas da violência estrutural. Destacam-se alguns artigos de sua autoria: “Cultura action for freedom”, “Educación para el desarrollo y educación para la paz”, e “1986. Año mundial de la paz” (JARES, 2002, pp.260-261).

Gadotti (2005) também destaca Rubem Alves pelo seu desejo de fomentar a idéia de que a escola deve ser um lugar de prazer e amor, e cita uma de suas idéias:

Examino os nossos currículos e os vejo cheios de lições sobre o poder. Leio-os novamente e encontro-os vazios de lições sobre o amor. E toda sociedade que sabe muito sobre o poder e pouco sobre o amor está destinada a ser possuída por demônios. É preciso reaprender a linguagem do amor, das coisas belas e das coisas boas, para que o corpo se levante e se disponha a lutar. Porque o corpo não luta pela verdade pura, mas está sempre pronto a viver e a morrer pelas coisas que ele ama. Na sabedoria do corpo, a verdade é apenas um instrumento e brinquedo do desejo (ALVES, 1988) apud (GADOTTI, 2005, p. 258).

Tragtenberg (1985) é citado por Gadotti (2005) por defender que é preciso desvincular saber de poder, e que para tanto incentiva a criação de estruturas horizontais onde professores, alunos e funcionários seja uma comunidade real. E finalmente, na perspectiva educacional brasileira, destaca-se segundo Paolo (2008), o psicólogo, professor e especialista em Psicologia Moral, Yves de la Taille, como co-autor dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sobre Temas Transversais.

De acordo com Polato (2008), o PCN traz em seus temas transversais questões que propiciam o desenvolvimento de uma Educação para a Paz, como: Ética, Meio Ambiente e Pluralidade Cultural.

Finalmente Gadotti (2005) considera importante para o cenário educacional atual, citar algumas correntes e alguns pensadores e estudiosos, como Fritjof Capra que traz o enfoque da necessidade de observarmos que a era atual atravessa um momento de transição e crise num ritmo bem intenso e que por isso, defende a revisão dos valores culturais e destaca a valorização que Capra dá ao meio-

ambiente. Gadotti (2005, p.274) destaca de Capra a citação: “Para que haja bom estado de saúde, é fundamental a inter-relação entre corpo, mente e meio ambiente. O desequilíbrio entre estes fatores tem como consequência a doença”.

Nessa perspectiva, Gadotti (2005) destaca os Paradigmas Holonômicos, ainda mal definido por seus criadores, que são paradigmas que pretendem ver o ser humano sob um olhar holístico, valorizando a criatividade, a iniciativa, o micro, a singularidade, a complementaridade e a convergência. Segundo Gadotti (2005) os holistas sustentam que o imaginário, a utopia e a imaginação são fatores instituintes da sociedade, e continua Gadotti (2005), os holistas recusam uma ordem que aniquila o desejo, a paixão, o olhar e a escuta. E Gadotti (2005, p.275) acrescenta:

Para esses novos paradigmas a *história é essencialmente possibilidade* onde o que vale é o imaginário – Gilbert Durand e CORNELIUS CASTORIADIS (1922) -, o sentido do outro – PAULO FREIRE (1921) -, a tolerância – KARL JASPERS (1883-1969)-, a estrutura de acolhida – PAUL RICCEUR (1913) -, o diálogo – MARTIN BUBER (1878-1966)-, a autogestão – CELESTIN FREINET (1896-1966) -, a desordem – EDGAR MORIN -, a paixão – MARILENA CHAUI (1941) -, a ação comunicativa – JURGEN HABERMAS (1929) -, a radicalidade- AGNES HELLER (1929) -, a empatia – CARL ROGERS (1909-1987)-, a esperança – ERNEST BLOCH (1885-1977) -, a alegria – GEORGES SNYDERS (1916) -, a *unidade do homem* contra as unidimensionalizações – HERBERT MARCUSE (1908-1980).

Porém destaca Gadotti (2005), que nem todos esses autores citados acima, se consideram dentro dos paradigmas holonômicos, mas que têm um caminho comum que eles denominam de pedagogia da unidade. Neste mesmo pensamento, Gadotti (2005) destaca o pedagogo e filósofo Pierre Furter muito conhecido na década de sessenta no Brasil pelos conceitos de Educação Permanente e Androginia. E Gadotti (2005) destaca também, que na educação pós-moderna, a invasão tecnológica, a automação e o excesso de informação por causarem a perda da identidade ou desintegração, levam a constituição de um novo conceito - o

multiculturalismo, que vem acabar com qualquer tipo de discriminação, eliminando os estereótipos e ampliando a visão de mundo.

2.5 – A relação professor e aluno e as emoções envolvidas

A partir das considerações acima, percebe-se que durante a história foram traçados caminhos na busca da justiça, equidade de direitos, democracia e ética para a construção de uma escola mais democrática e igualitária. Por conseguinte na busca de uma sociedade mais democrática, igualitária e mais justa, já que a educação não se constitui num processo neutro e que influencia a sociedade como um todo. Portanto Callado (2004, p.35), destaca a importância da Educação para a Paz para a construção de uma Cultura de Paz na sociedade:

A Educação para a Paz é um processo de conscientização da pessoa e da sociedade, contínuo e permanente, partindo da concepção positiva de paz e do tratamento criativo do conflito (...) caracterizando-se por uma tríplice harmonia do ser humano consigo mesmo, com os demais e com o meio onde vive.

Nesse sentido, pensando-se na escola e no professor como agente participativo desse processo, um dos objetivos do Projeto Educar para uma Cultura de Paz é repensar a postura do professor na relação com seu aluno. Através do convívio escolar o professor acaba transmitindo, por seu jeito de agir e de ensinar, exemplos e determinados códigos de valores. Araújo (2008, pp.55-56), citando Jung, nos esclarece que:

Jung alerta-nos contra o entusiasmo pedagógico do educador ao pretender mudar as crianças, sem antes olhar para si próprio a fim de modificar-se. A necessidade pedagógica antes de se aplicar à criança devia aplicar-se ao educador, visto que ele, guardando em si ainda a imagem da “criança interior”, carece igualmente de ser educado.

Segundo Freire (1996, p.34), “não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o re-diz em lugar de desdizê-lo (...) e ao mesmo tempo perguntar ao aluno se sabe com quem está falando”. Para tanto, antes de se pensar numa

nova prática de ensino através da Educação para a Paz, precisa-se pensar na relação professor e aluno e nas emoções que essa relação pode gerar.

Por isso Teixeira (2008, pp.27,28), acrescenta que à luz da teoria junguiana:

Deduzimos que, mais do que educar a criança, é preciso educar o educador, o qual antes de buscar conhecer metodologias, precisa conhecer tanto seus próprios processos psíquicos como os do educando (...), pois o que conta não é o que o educador ensina mediante palavras, mas aquilo que ele verdadeiramente é.

Nessa perspectiva, deve-se refletir sobre as emoções que envolvem esses dois agentes, professor e aluno, e seu contexto relacional durante o processo de ensino e aprendizagem. Freire (1996) acrescenta:

É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. Eu não sou primeiro um ser da desesperança a ser convertido ou não pela esperança. Eu sou, pelo contrário, um ser da esperança que, por “n” razões, se tornou desesperançado. Daí que uma das nossas brigas como seres humanos deva ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza” (FREIRE, 1996, p.73).

Um ambiente propício à aprendizagem é àquele onde o aluno se sente seguro, respeitado e amado. Segundo Freitas (2000) a aprendizagem é um processo que acontece num contexto relacional, por isso não se pode perder a visão do outro e da relação, que envolve seus imaginários e paradigmas. Dentro desse imaginário, continua Freitas (2000), é onde se encontra o ponto de partida para o sonhar, esse elemento tão importante para a mudança, sendo a fábrica de pensamentos e emoções.

Lidar com essas emoções no cotidiano faz parte de um dos princípios ou do processo de uma Educação para a Paz, como citado anteriormente. O professor precisa estar consciente das emoções que passam por seus alunos e por ele mesmo. Portanto é importante identificar que emoções são essas. Appolinário (2008, p.53), relata quão importante são as emoções positivas:

As emoções positivas alargam nossa percepção fazendo com que fiquemos mais conscientes de nosso ambiente e do contexto social maior. Preparando-nos para novas idéias e nos oferecem a oportunidade de desenvolver nossos relacionamentos, sermos mais produtivos e criativos.

Porém segundo Herculano-Heuzel (2008), a ansiedade crônica, causada por stress constante diminui a qualidade de vida, levando os neurônios a morrerem e prejudicando a saúde corporal e emocional. A ansiedade em nossos dias está relacionada a vários fatores, e um desses fatores é a violência. Johson (1979, p.130), apresenta o relatório realizado pela President's Commission on Law Enforcement and the Administration of Justice, que traz resultados da influência do crime violento em áreas urbanas para os alunos, são eles:

Rendimentos baixos, deteriorização da comunidade, concentrações raciais e étnicas, lares desfeitos, estruturas familiares fracas, baixo nível de instrução, desemprego em massa, saúde precária e falta de cuidados médicos. Em geral o crime violento se alimenta e se perpetua na adversidade social e ambiental, incluindo residências inadequadas, escolas precárias .

Nesse ponto de vista, Graziano (2008) destaca que as emoções de qualidade negativa, como: medo, raiva, nojo, tristeza e outras, trazem a função de autopreservação e fazem com que a pessoa veja o mundo numa concepção hostil e pouco complexa, onde os indivíduos lutam entre si pela sobrevivência do mais apto. Já emoções positivas, como: prazer, entusiasmo, alegria, confiança e outras, trazem a função de fortalecer as relações, desenvolver a empatia e a resiliência, e fazem com que a pessoa veja o mundo como um ambiente complexo em que os indivíduos são mutuamente dependentes.

McDermott (1977) apud Salomão (2008) chama a atenção para as relações de confiança, estabelecidas entre adultos e crianças, que servem de base para futuros relacionamentos. As relações de confiança seriam uma disposição relacional, a partir da qual a participação de cada sujeito encontra sentido neste processo

levando a um desenvolvimento. Elas estabelecem parâmetros construtivos que orientam a ação de adultos e crianças. Nas palavras do autor, as relações de confiança são:

um item crucial nos acordos de trabalhos feitos pelas pessoas para avaliarem-se umas as outras. Na sala de aula, essas questões são traduzidas em termos de como o professor e a criança podem entender o comportamento um do outro, de maneira direcionada para alcançar os objetivos comuns que os mantém trabalhando juntos (MCDERMOTT, 1977, p.199) apud (SALOMÃO, 2008).

E continua McDermott (1977) apud Salomão (2008), quando acontece o contrário, quando não existe uma relação de confiança, o que se percebe é o tempo desperdiçado com batalhas relacionais ou na tentativa da organização do ambiente. Por causa dos embates e na tentativa de construir uma relação, o processo de ensino-aprendizagem não flui. Por isso, Salomão (2008), lembra a questão de se perceber outro lado da aprendizagem que não seja apenas o conteúdo dado. Salomão (2008) citando Crockenberg e Bryant (1978) chama a atenção para a questão do “currículo oculto” presente nas escolas. Segundo as autoras:

as crianças são influenciadas no desenvolvimento de sua orientação social, no sentido da cooperação, da competição, do individualismo ou dos padrões de violência sempre em função da estrutura do ambiente e dos objetivos da sala de aula, bem como em decorrência da qualidade das interações estabelecidas pela professora com a turma.

Nesse sentido, o professor precisa estar atento a sua postura, por ser um modelo para seus alunos, influenciando diretamente em seus processos de aprendizagem, podendo influenciar positivamente ou não essa mediação. Portanto numa Educação para a Paz, o professor precisa estar sintonizado com os seus princípios e suas emoções para que verdadeiramente possa transmitir uma autêntica postura de paz.

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Pensar nesse capítulo em termos de uma visão de Educação para a Paz é pensar também na visão e na resposta do aluno durante e no Projeto Educar para uma Cultura de Paz. Por isso, o atual capítulo pretende trazer junto à observação da pesquisadora uma amostra do que os alunos puderam avaliar do Projeto Educar para uma Cultura de Paz, do Instituto de Educação Carmela Dutra durante o ano de 2008.

Essa amostragem foi realizada com seis turmas de 4^{as} séries, no total de 232 alunos de turmas mistas, do último ano do Curso Normal do Instituto de Educação Carmela Dutra. Os sujeitos da pesquisa são alunos que já terminaram seus estágios no magistério e que por isso têm condições de se auto-avaliar e de avaliar o Projeto Educar para uma Cultura de Paz. Optou-se por uma avaliação do Projeto no período final do Curso para que esses alunos pudessem, depois de participarem de todas as atividades propostas pelas disciplinas e seus temas geradores, relatadas no Capítulo I desta pesquisa, ter condições de avaliar o processo.

Foi aplicado um questionário com cinco perguntas sobre o Projeto Educar para uma Cultura de Paz, o qual foi individualmente respondido, sendo que: a primeira questão é sobre avaliação da compreensão do conceito/definição de uma Educação para a Paz ou Cultura de Paz; a segunda questão é sobre a validade do Projeto de Paz para a escola; a terceira questão é sobre a observação de mudança no cenário escolar; a quarta questão diz respeito a auto-avaliação do aluno, observando a influência do Projeto numa mudança pessoal; e quinta e última questão é a validade da utilização do Projeto na vida profissional dos alunos.

O presente capítulo apresenta os resultados do questionário aplicado e logo em seguida a análise dos dados obtidos no mesmo.

I - Resultados do questionário aplicado e suas considerações:

1) O que é Educação para a Paz ou Cultura de Paz?

Dos 232 alunos que responderam o questionário observou-se as seguintes respostas: Oito alunos (3,5%), definiram a Educação para a Paz ou Cultura de Paz como uma educação voltada para as relações interpessoais e intrapessoais, preocupada com a aprendizagem de valores, ética, formação do caráter e para a construção de um mundo melhor no futuro sem violência. E, também, para uma aprendizagem consciente em relação ao meio-ambiente e sua preservação para o futuro do planeta.

Cento e setenta e cinco alunos (75,5%), relacionaram a Educação para a Paz ou Cultura de Paz somente como uma Educação voltada para a melhoria nos relacionamentos interpessoais e intrapessoais através do ensino de valores étnicos.

Quarenta e nove alunos (21%), responderam a respeito da Educação em si, como um processo de mudança e importante para a sociedade, não respondendo sobre a Educação para a Paz.

Observa-se que segundo Tyler (2001), uma forma de definir a Educação para a Paz é saber que é um processo de aprendizagem onde serão ensinados e apreendidos valores, atitudes e modos de se comportar que refletirão respeito à vida, a dignidade dos seres humanos e seus direitos, rejeitando qualquer tipo de violência, e trabalhando conceitos em relação à liberdade, justiça, solidariedade, tolerância entre pessoas e/ou grupos. Como também, Tyler (2001) acrescenta, que nesses valores há de se ressaltar a relação das pessoas com a natureza, com o objetivo de preservá-la, e que, portanto é uma atitude que reflete o respeito à vida.

Nessa mesma perspectiva a UNESCO (2000), mas respectivamente o Manifesto 2000, destaca no seu quinto pilar sobre a construção de uma Cultura de Paz o cuidado com a preservação do planeta, considerando esse item importante para a construção de uma Cultura de Paz. A UNESCO (2000), sugere nesse pilar, a promoção de um comportamento de consumo responsável por toda a sociedade e de respeito a todas as formas de vida, preservando o equilíbrio da natureza e do planeta.

Pelas respostas apresentadas acima percebe-se que a apreensão do conceito ou definição do que é uma Educação para a Paz foi parcialmente alcançado, embora a conscientização para a preservação do meio-ambiente tenha sido ventilada pelos alunos, o tempo todo, durante as atividades desenvolvidas ao longo do ano, até com reivindicações e propostas para a confecção de atividades plásticas com a utilização de materiais recicláveis. Portanto, verificou-se uma contradição entre as respostas apresentadas e a dinâmica nas aulas, que parecem demonstrar que os valores foram apreendidos através da prática nas aulas, porém a definição não foi sistematizada ou não foi assimilada.

2) Você acha importante estudar sobre a Paz nas escolas? Justifique.

Duzentos e trinta alunos (99%) responderam sim, a maioria respondeu focalizando a violência social e a necessidade de combatê-la, como também a importância da escola em passar valores éticos, porque muitas vezes as crianças não recebem orientação na família, pois o meio em que vivem não favorece esse tipo de aprendizagem. E também justificaram a importância da Educação para a Paz para a melhora de um futuro com menos violência.

Dois alunos (1%) responderam não, porém não apresentaram justificativas para as respostas.

Observou-se a conscientização dos alunos de que é preciso fazer algo para mudar o futuro, e de que a Educação para a Paz pode ser uma proposta de solução para resolver a questão da violência social. A necessidade de se fazer algo para que a criança de hoje possa ser no futuro um adulto comprometido com valores étnicos e que repudiem a guerra e a violência, também foi acordado por vários pensadores no passado a partir da década de 20, como por exemplo, Wallon apud Jares (2002, p.33) que após movimentos educacionais preocupados em construir uma Educação que promovesse cidadãos conscientes de sua participação na construção da paz, escreve anos mais tarde:

Parecia então que, para assegurar ao mundo um futuro de paz, nada podia ser mais eficaz que desenvolver nas jovens gerações, por meio de uma educação apropriada, o respeito à pessoa humana. Assim, poderiam florescer os sentimentos de solidariedade e fraternidade humanas, os quais são o oposto da guerra e das violências.

3) Durante o desenvolvimento do Projeto você observou alguma mudança na escola? Justifique:

Cento e dez alunos (47,5%) responderam não, entre as respostas encontrou-se uma variável entre, não observei ou não percebi alguma mudança na escola, mas na turma sim, e a outra não percebi mudança nenhuma.

Cento e três alunos (44,4%) responderam que sim, observaram melhora na relação professor-aluno, e dois alunos citaram ter resgatado a confiança que não tinham nos professores. A maioria observou uma melhora no comportamento e na conscientização da turma em relação às atitudes, evidenciando-se mais união, porém destacando que alguns poucos só realizaram os trabalhos para conseguir passar. E que durante o Projeto perceberam maior abertura para expressão dos alunos e suas opiniões.

Quinze alunos (6,4%), responderam mais ou menos, observou que a turma melhorou, mas a escola ficou a mesma, alguns grupos melhoraram outros não.

Quatro alunos (1,7%), não responderam.

Observou-se algo peculiar nessa questão, pois por ser uma questão de percepção de um entorno, observou-se que os alunos apresentaram respostas de que costumam se relacionar mais com as turmas vizinhas à suas salas de aula, e não observaram a escola como um todo, embora houvesse a cada bimestre a culminância de um grupo de disciplinas responsáveis pelos temas propostos, onde aconteceram intercâmbio e cooperação entre turmas, como também nas festividades da escola.

A questão por isso deveria ter sido reformulada e/ou desmembrada em “escola” e “turma”, para buscar um aprofundamento em relação à observação da escola, do que foi percebido e do que não foi percebido. Porém nessas seis turmas pesquisadas, evidenciou-se uma melhora nas atitudes dos alunos e percebeu-se a cobrança de certos alunos em relação aos colegas, reivindicando atitudes compatíveis com o Projeto Educar para uma Cultura de Paz.

4) E para você algo foi acrescentado? Justifique:

Cento e setenta e quatro (75%) responderam sim, dentre as respostas encontrou-se: ter se conscientizado a respeito da importância da paz e relacionamentos; aprendeu a ter mais paciência e mais tolerância com o colega; adquiri mais confiança no professor; foi importante porque me ajudou durante o estágio, a lidar melhor com as crianças; pude perceber certas atitudes minhas e me modificar; passei a acreditar que podemos mudar o mundo/sociedade através de pequenos atos; agora penso duas vezes mais antes de agir e estou mais aberta

para ouvir a opinião do outro; antes eu tinha noção do que era uma Cultura de Paz, agora sei como empregá-la; agora tenho mais esperança; aprendi a valorizar a minha família pelos valores que me passou; pude vivenciar que uma atitude de paz quebra barreiras; tomei a decisão de amar mais o meu próximo; me incentivei a criar junto com meu noivo um grupo para ajudar a minha comunidade; aprendi a conviver com pessoas que não tinha afinidade.

Quarenta e três alunos (18,5%) responderam não, dentre as respostas encontrou-se: sempre tive consciência sobre a paz e sempre fui uma pessoa educada; já sabia e não me acrescentou; acho que precisa de mais tempo para esse Projeto amadurecer, foi muito pouco tempo só um ano; sempre fui uma pessoa pacífica; não tive interesse pelo assunto.

Treze alunos (5,7%), não responderam.

Dois alunos (0,8%) responderam mais ou menos, porque sempre foram pessoas pacíficas e sempre respeitaram as pessoas.

De acordo com as respostas oferecidas verificou-se uma melhora nos relacionamentos e mudança de atitudes. Observou-se nas aulas mais alegria, camaradagem e esperança, porém certos alunos não mudaram em nada, continuaram com as mesmas posturas desde a primeira série, em relação a seus comportamentos, demonstrando falta de respeito a professores, colegas e falta de compromisso com eles mesmos.

5) Como futuro(a) professor(a), você acha importante ensinar seus alunos a agirem de acordo com as propostas da Educação para a Paz? Justifique.

Duzentos e vinte e nove (98,8%) responderam sim, e que entre as respostas encontrou-se: por causa de suas vidas onde existe muita violência e através da

Educação para a Paz eles podem modificar essa realidade; para aprenderem a conviver melhor na sociedade através do respeito ao próximo e a natureza; importante para a aprendizagem de valores; para melhorar o futuro da sociedade; porque se na família ele não recebe orientação cabe a escola fazê-lo; porque o professor é o modelo; porque além da matéria deve-se pensar nas atitudes e comportamentos; deve-se incentivar valores como harmonia, respeito, união, solidariedade, igualdade, perseverança, esperança e dignidade; aprender o “como” melhorar as relações na escola; para ensinar tolerância; aprenderem a lidar com a violência; conhecerem os seus direitos e dos outros.

Um aluno (0.4%) respondeu não, porque penso educar mostrando a realidade do mundo.

Dois alunos (0,8%) não responderam.

Segundo as respostas oferecidas percebe-se que houve conscientização da importância de se trabalhar a Educação para a Paz e uma decisão de compromisso por parte dos alunos. A resposta negativa do único aluno(a) deve-se a não compreensão do conceito de paz positiva pertinente a Educação para a Paz e que é contrário ao conceito de paz negativa.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

O Projeto Educar para uma Cultura de Paz vem apresentar uma proposta para a construção de uma escola mais democrática. Observar que, a cada dia, mais professores são lançados no mercado de trabalho, faz surgir a necessidade de pensar se eles estão preparados para a Educação do século XXI.

Segundo Gaarder (2000), essa é uma questão importante, o de como fazer para que essa nova geração possa acreditar e lutar por um futuro mais sustentável. Fazer com que eles percebam que o futuro não é algo que acontece por si só e que o dia de amanhã é algo que está se criando neste momento, porque para Gaarder (2000) muitos ainda pensam que são meros espectadores dos eventos globais e que todos são atores nesse palco da vida.

Como Aristóteles apud Poujol (2005), o homem é por natureza um ser social e que viver em grupo é uma dimensão de sua existência, assim os conflitos são inerentes à vida social e não se pode simplesmente evitá-los, mas sim compreendê-los, esclarecê-los e, segundo Lederach (1984) apud Callado (2002) regulá-los. O Projeto Educar para uma Cultura de Paz do Instituto de Educação Carmela Dutra reconhece a importância de ensinar o aluno a conhecer os conflitos e como contribuir para que eles possam regulá-los através de uma Educação para a Paz.

Na presente pesquisa observou-se que na história da Educação, psicólogos, professores, filósofos e educadores, traçaram um caminho na busca de uma Educação que propiciasse indivíduos mais conscientes de conceitos como igualdade, justiça e outros valores e atitudes que produzissem menos conflitos e mais relacionamentos de paz, com o objetivo principal de uma sociedade mais

democrática, objetivando atingir através da reformulação da estrutura escolar e do processo ensino-aprendizagem, a busca de uma estrutura mais igualitária entre professores e alunos.

Segundo Benevides (1998), três elementos são indispensáveis para a compreensão de uma educação para a democracia: 1º) a formação intelectual e a informação, isto é, para se ter igualdade de oportunidades há de se levar a todos o acesso ao ensino e a informação; 2º) a educação moral, uma didática vinculada a valores democráticos, não só tendo consciência mais sim praticando através e principalmente de valores éticos, portanto “a conquista de corações e mentes” (p.157) e 3º) a educação do comportamento, no sentido de enraizar hábitos visando o bem comum, como exemplos, a tolerância e solidariedade.

Reconhece-se no Projeto Educar para uma Cultura de Paz os três aspectos expostos acima e além desses vê-se outra tríade sugerida por Ambrósio (2008), onde os três componentes são: 1º) o indivíduo, 2º) o outro e 3º) a natureza, elementos estes que também perpassam no processo de ensino-aprendizagem da Educação para a Paz, que para se conhecer o outro é preciso se conhecer, nas emoções e na forma de reagir nessa relação dialética com o outro, reconhecê-lo diferente de mim e com seus direitos, e aprender nesse processo como construir um ambiente saudável para ambos, através também, da preservação da natureza.

Outra questão abordada no Projeto que é também destaque na obra de Freire (1996), se refere a questão da liberdade de escolha e de opinião, para a construção de um indivíduo crítico e com valores éticos. Freire (1996, pp.105, 106,107) destaca que:

Gostaria uma vez mais de deixar expresso o quanto aposto na liberdade, o quanto me parece fundamental que ela se exercite assumindo decisões (...) É decidindo que se aprende a decidir. (...) A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas.

O Projeto Educar para uma Cultura de Paz é compatível com que foi pesquisado, porque além de propiciar ao aluno liberdade e oportunidade de expressão, apresenta uma abordagem que prepara o(a) futuro(a) professor(a) para observar o meio social de seu aluno. O Projeto possibilita ao futuro professor construir experiências com emoções positivas para seu futuro aluno, preparando-o para enfrentar o seu dia-a-dia profissional que propicie um ambiente escolar mais saudável. Porque a partir da comparação entre esses dois ambientes, com emoções negativas e positivas, os alunos poderão, através da oportunidade de escolha, optarem por um caminho mais justo no futuro.

As emoções positivas como o prazer, a alegria, o entusiasmo, a confiança e outras emoções positivas trazem consigo a função de fortalecer as relações, propiciando a abertura nas relações entre pessoas e na relação dos alunos com o mundo, garantindo uma visão complexa e independente, e o desenvolvimento da troca confiante. O Projeto Educar para uma Cultura de Paz trouxe respostas positivas nesse aspecto aqui abordado.

Outro aspecto abordado pelos alunos diz respeito a um dos objetivos do Projeto Educar para uma Cultura de Paz, como sendo uma Educação que promove a Paz e leva o futuro professor a reconhecer no processo de reflexão de suas emoções, um instrumento que pode levar o futuro profissional a uma postura autêntica de um educador que promova a paz.

Atualmente a Educação, segundo Gadotti (2005), se constitui na observação do aluno numa visão holística. Portanto, a Educação para a Paz vem suprir os terceiro e quarto pilares de uma Educação para o Futuro que de acordo com Delors (1998) significa aprender a viver junto e aprender a ser, itens considerados importantes para o desenvolvimento harmonioso e global do aluno do século XXI.

O Projeto Educar para uma Cultura de Paz alcançou seus objetivos, porém a sugestão dos alunos pesquisados para um ensino através da Educação para a Paz, desde as séries iniciais, deve ser levada em consideração, porque somente através de uma educação contínua desde a infância é possível realmente transformar a Educação para a Paz numa Cultura de Paz.

Nada mais apropriado concluir essa pesquisa ressaltando os seis pilares sugeridos pela UNESCO (2000) para a consolidação de uma Cultura de Paz, com citações de personagens que lutaram e lutam pela paz:

1) Respeitar todas as formas de vida:

Dessa forma, junto com a razão instrumental, analítica e científica que nós precisamos para desenvolver projetos de satisfação das necessidades humanas, precisamos também da razão sensível, da razão cordial, da razão do cuidado. E, junto a isso, é preciso desenvolver a responsabilidade coletiva da humanidade, pois se o problema é global, a responsabilidade também deve ser global.(BOFF, 2007, p.1).

2) Rejeitar a violência:

Não que eu seja capaz de sentir raiva, por exemplo, mas, em quase todas as circunstâncias, consigo manter meus sentimentos sob controle. Qualquer que possa ser o resultado há sempre em mim uma luta consciente para seguir a lei da não-violência, deliberada e incessantemente (GANDHI, 1936) apud (WENCHENFELDER, 2005, p. 57).

3) Compartilhar:

Não se pode viver em paz em situação de guerra. Não se pode comer tranquilo em meio à fome generalizada. Não se pode ser feliz num país onde milhões se batem no desespero do desemprego, da falta de condições mais elementares de saúde, educação, habitação e saneamento. A insanidade de um país que marginalizou a maioria deve terminar agora. Devemos criar em todos os lugares a ação da cidadania em luta contra a miséria e pela vida (BETINHO, 1993) apud (NERY, 200..., p.1).

4) Ouvir para entender:

Recentemente em conversa com um grupo de amigos e amigas, uma delas (...) me disse que, em sua experiência pedagógica de professora de crianças e adolescentes, mas também de professora de professoras, vinha observando quão importante e necessário é saber escutar (...) mas é escutando que aprendemos

a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele (FREIRE, 1996, p.113).

5) Preservar o planeta:

Não se trata apenas da proteção e conservação do ambiente, mas da implementação de uma nova ética planetária pautada em novos valores e orientadora de uma nova forma de habitar o mundo e interagir com seres bióticos e abióticos que compõem. E isso só será possível através de uma Educação Ambiental consciente e capaz (MACIEL, 2003, p.124).

6) Redescobrir a solidariedade:

Não podemos fazer grandes coisas na terra. Tudo o que podemos fazer são pequenas coisas com muito amor. (MADRE TERESA DE CALCUTÀ) apud (PEREIRA, 2008, p.1)

As sementes foram lançadas e plantadas, contudo só o futuro nos dirá se elas crescerão e darão frutos.

REFERÊNCIAS:

AMBRÓSIO, Ubiratan. WWW.sociologia.org.br/tex/educacaoparaapaz.htm, acessado em 12/12/2008 às 08h30minh.

APOLINÁRIO, Fábio. **Inteligência emocional e psicologia positiva**, artigo da Revista Ciência&psique edição especial, ano III, n.8, São Paulo: Escala, 2008.

ARAÚJO, Alberto Felipe e RIBEIRO, José Augusto. **Ética e valores na perspectiva junguiana**, artigo da revista Educação Especial: Biblioteca do professor: Jung Pensa a Educação, n.8, São Paulo: Segmento, 2008.

AURÉLIO, Buarque de Holanda, **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica**: diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos. São Paulo: Hagnos, 2001.

BENEVIDES, Maria Victoria Mesquita. **O desafio da educação para a cidadania**, art. em Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas, coord. Julio Aquino. São Paulo: Summus, 1998.

BOSSA, Nadia A. **Fracasso escolar**: um olhar psicopedagógico. São Paulo: Artmed, 2002.

BOTO, Carlota. **Aristóteles**, o defensor da instrução para a virtude, Revista Nova Escola. Grandes Pensadores, edição especial n.19. São Paulo: Abril, julho, 2008.

CALLADO, Carlos Velásquez. **Educação para a paz**: promovendo valores humanos na escola através da educação física e dos jogos cooperativos. Santos, São Paulo: Projeto Cooperação e Wak, 2004.

BOFF, Leonardo. <http://www.sama.org.br/arqs/Boff.htm>, 09/07/2007, acessado em 12/12/2008 às 20h.

CERVO, Amado; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHAMAT, Leila Sara José. **Técnicas de diagnóstico clínico na abordagem interacionista**. São Paulo: Vetor, 2004.

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil. **Relatório sobre a dignidade humana e a paz no Brasil**. CONIC, São Paulo: Paulinas, 2003.

DANTAS, Heloysa. **Henri Wallon**, o educador integral, Revista Nova Escola. Grandes Pensadores, edição especial n.19, São Paulo: Abril, julho, 2008.

DELORS, Jacques e Comissão Internacional, **Relatório para a UNESCO sobre a Educação para o século XXI**, WWW.dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf site criado em 23/02/1994, atualizado em 29/06/2005, acessado em 12/10/2008 às 15h10min.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, [1981?].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Nilson Guedes de. **Pedagogia do amor**: caminho da libertação na relação professor-aluno. Rio de Janeiro: Wak, 2000.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. **De bem com seu cérebro**, artigo da Revista *Mente&cérebro*, ano XVI, n. 188. São Paulo: Duetto, 2008.

GAARDER, Jostein. **Somos todos atores**, art. in *Peace is possible*. Internacional Peace Bureau: UNESCO e Ministério do Exterior da Noruega, 2000.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2005.

GRAZIANO, Lílian. **Psicologia positiva**: A psicologia da felicidade, artigo da Revista *Ciência&psique* edição especial, ano III, n.8. São Paulo: Escala 2008.

INCONTRI, Dora, **Johann Heinrich Pestalozzi**, Revista Nova Escola. Grandes Pensadores, edição especial n.19. São Paulo: Abril, julho, 2008.

IZQUIERDO, Moreno Ciriaco. **Educar em valores**. São Paulo: Paulinas, 2001.

JARES, Xésus R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**, 2ª.ed.rev.ampl. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JOHSON, Roger N. **Agressão no homem e nos animais**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

MICHAUD, Yves. **A violência**. S.Paulo: Ática, 1989.

LAROSA, Marco Antonio e AYRES, Fernando Arduini. **Como Produzir uma Monografia passo a passo...** siga o mapa da mina. Rio de Janeiro: Wak, 2005.

LÁZARO, André. **EC amplia rede de proteção à criança** www.portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=com_content&task=view&id=10691&itemna=6. 13/06/2008 – 08:35:36, Acesso em 15 de setembro de 2008 às 20h.

LUCCI, Marcos Antonio. **A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica**, Tese de Doutorado, 10/02/2006, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, WWW.ugr.es/local/recfpro/Rev102COL2port.pdf, acessado em 8/12/2008 às 17h.

MACEDO, Lino de. **Jean Piaget**, o biólogo que pôs a aprendizagem no microscópio, Revista Nova Escola. Grandes Pensadores, edição especial n.19. São Paulo: Abril, julho, 2008.

MACIEL, Tânia Maria de F Barros e Vilson Sergio de Carvalho (org). **Educação ambiental: muito ainda por fazer**, art. in Pedagogia levada a sério. Rio de Janeiro: Wak, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro**, 12ª ed., São Paulo: Cortez; Brasília, UNESCO, 2007.

NACASATO, Thiago B.R. **A violência simbólica – Bourdieu**, 1 de outubro de 2007, [HTTP://professorthiagonacasato.blogspot.com/2007/10/violencia-simbolica-bourdieu.html](http://professorthiagonacasato.blogspot.com/2007/10/violencia-simbolica-bourdieu.html) , acessado dia 10/10/2008 às 11:14 h

NEILL, A.S. **Liberdade sem medo**. São Paulo: Ibrasa, 1968.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa** – características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em administração, v.1, n.3, 2º sem. São Paulo: USP, 1996. WWW.ead.fez.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf. Acesso em 15 de setembro de 2008 às 18h.

NERY, Beatriz Didonet. **Líderes da Paz**, site: http://www.educapaz.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=118&Itemid=2 , acessado em 12/12/2008, às 21h.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky**: (a relevância do social). São Paulo: Summus, 2001.

PARRA FILHO, Domingos e SANTOS, João Almeida. **Apresentação de trabalhos científicos**: monografia, TCC, teses e dissertações, São Paulo: Futura, 2000.

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). **Temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1998.

PEREIRA, Ronaud, **Pensamentos de Madre Teresa de Calcutá**, site< <http://www.ronaud.com/frases-pensamentos-citacoes-de/madre-teresa-de-calcuta>> acessado em 12/12/2008 às 22h.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Edgar Morin**, o arquiteto da complexidade, Revista Nova Escola. Grandes Pensadores, edição especial n.19. São Paulo: Abril, julho, 2008.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

POLATO, Amanda, **Nossos alunos precisam de princípios**, e não só de regras. Artigo entrevista com Yves da la Taille, Revista Nova Escola, ano XXIII, n. 213. São Paulo: Abril, junho/julho, 2008.

PORTO, Olívia. **Bases da psicopedagogia**: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

POUJOL, Jacques & Claire Poujol. **Conflitos**: origens, evolução e superação. São Paulo: Vida, 2005.

RAMOS, Cosete. **O despertar do gênio**: aprendendo com o cérebro inteiro. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

RELVAS, Marta Pires. **Fundamentos biológicos da educação**: despertando inteligências e afetividade no processo de aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

Revista Nova Escola. **Grandes pensadores**, edição especial n.19. São Paulo: Abril, julho, 2008.

ROGERS, Carl. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

SALOMÃO, Sanmya Jesus. **A dimensão sócio-afetiva das relações entre professores e alunos no cotidiano escolar**: construção de valores e práticas sociais, <WWW.catedra.ucb.br/sites/100/122/00000063.pdf> acessado em 30/10/2008 às 21h00min.

SANCHES, Celso. **A educação da vida**: repensando a biologia na sala de aula, cap5, Pedagogia levada a sério/Vilson S. de Carvalho (org.). Rio de Janeiro: Wak, 2003.

SERRANO, Marisa. **Marisa Serrano diz que a educação é solução para a violência no Brasil** www.senado.gov.br/web/senador/marisaserrano.asp?data=27/02/2007&codigo=18608 Agência Senado – 27/02/2007. Acessado em 10 de setembro de 2008 às 18h.

SILVA, Edna Lúcia; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Universidade federal de Santa Catarina, 2001. <WWW.projetos.inf.ufsc.br/arquivos/ Metodologia% 20da% 20 Pesquisa %203 a% 20edicao.pdf> Acesso em 15 de setembro de 2008 às 18:30h.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. **O pensamento pedagógico de Jung e suas implicações para a educação**, artigo da revista Educação Especial: Biblioteca do professor: Jung Pensa a Educação, n.8. São Paulo: Segmento, 2008.

THEOBALDO, Maria Cristina. **Michel de Montaigne**, o investigador de si mesmo, Revista Nova Escola. Grandes Pensadores, edição especial n.19. São Paulo: Abril, julho, 2008.

TYLER, Jô e Adam Berry. **Time to abolish the war!** A youth agenda for peace and justice. Switgerland: Hague Appeal for Peace and European Youth Foudiation, [2001?]

UNESCO, **Manifesto 2000**, <www3.unesco.org/manifesto2000/default.asp> acessado em 26 de outubro de 2008 às 10:16 h.

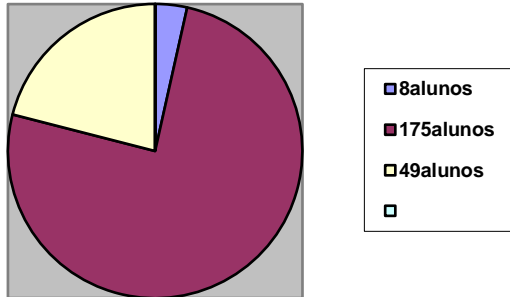
ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, educação e currículo no Brasil**: dos Jesuítas aos anos de 1980. Campinas, São Paulo: Autores Associados; Brasília, Distrito Federal: Plano, 2004.

WESCHENFELDER, Celina Helena (org.). **Tempo de paz**: personalidades de ontem e de hoje falam sobre a paz. São Paulo: Paulinas, 2005.

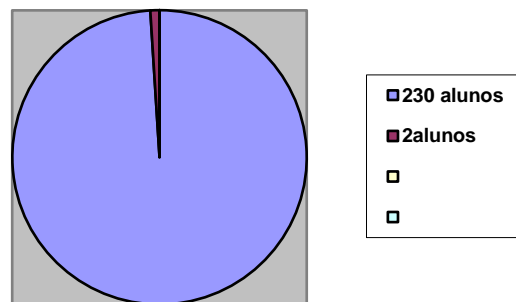
ANEXOS:

Gráficos:

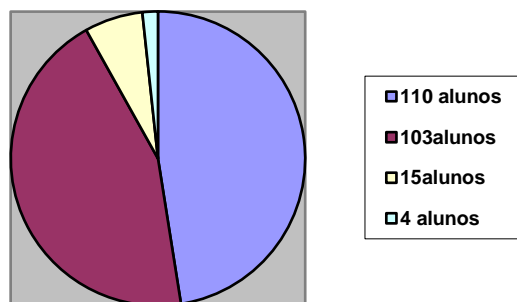
Questão número 1:



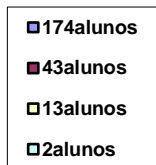
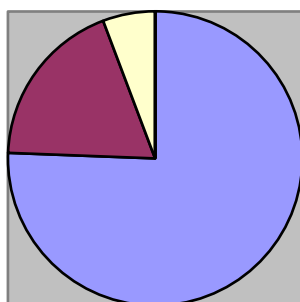
Questão número 2:



Questão número 3:



Questão número 4:



Questão número 5:

